

**NOVOS RÓTULOS PARA VELHOS SABORES:
A POÉTICA DE RUBEM ALVES
E O DISCURSO DA RELIGIÃO VIVIDA**

NEW LABELS FOR OLD FLAVORS:
THE POETICS OF RUBEM ALVES AND THE DISCOURSE OF LIVED RELIGION

NUEVAS ETIQUETAS PARA VIEJOS SABORES:
LA POÉTICA DE RUBEM ALVES Y EL DISCURSO DE LA RELIGIÓN VIVIDA.

Iuri Andréas Reblin
Doutor em Teologia
Faculdades EST
reblin@est.edu.br

Recebido em: 20 de dezembro de 2025
Publicado em: 26 de maio de 2026

RESUMO

Diante da virada empírica que deslocou o interesse analítico das estruturas eclesiais para o cotidiano dos sujeitos, este artigo confronta as categorias de teologia do cotidiano, cunhada por Rubem Alves, e de religião vivida (*lived religion*), consolidada pela sociologia anglo-saxônica. Defende-se a tese de que a abordagem da religião vivida, sob uma roupagem metodológica, opera um ocultamento da teologia do cotidiano que a antecedeu. Para tanto, o estudo recupera a compreensão da teologia grega como *poiesis*, o falar poético e inspirado sobre o divino, opondo-a ao dogmatismo institucionalizado no medievo. Ao traçar paralelas entre a teopoética alvesiana da saudade e as dimensões da fé mapeadas por Nancy Ammerman, e contextualizá-las no pragmatismo e no trânsito religioso do cenário brasileiro, conclui-se que a rejeição acadêmica do termo “teologia” invisibiliza a agência e a mística do chão da vida, reiterando a necessidade de uma hermenêutica viva comprometida com o sentido e a dignidade humana.

Palavras-chave: Teologia do Cotidiano. Religião Vivida. Rubem Alves. Ocultamento do Sagrado.

ABSTRACT

Facing the empirical turn that shifted the analytical focus from ecclesiastical structures to the daily lives of subjects, this article confronts the categories of theology of the everyday, coined by Rubem Alves, and lived religion, consolidated by Anglo-Saxon sociology. It defends the thesis that the lived religion approach, under a methodological guise, operates a concealment of the theology of the everyday that preceded it. To this end, the study recovers the understanding of Greek theology as *poiesis*, the poetic and inspired discourse about the

divine, opposing it to the institutionalized dogmatism of the Middle Ages. By drawing parallels between the Alvesian theopoetics of longing (*saudade*) and the dimensions of faith mapped by Nancy Ammerman, and contextualizing them within the pragmatism and religious transit of the Brazilian scenario, it concludes that the academic rejection of the term "theology" renders invisible the agency and mysticism of the ordinary ground, reiterating the need for a living hermeneutics committed to human meaning and dignity

Keywords: Theology of the Everyday. Lived Religion. Rubem Alves. Concealment of the Sacred.

RESUMEN

Dado el cambio empírico que trasladó el interés analítico de las estructuras eclesíásticas a la vida cotidiana de los individuos, este artículo confronta las categorías de teología de la vida cotidiana, acuñada por Rubem Alves, y religión vivida, consolidada por la sociología anglosajona. Sostiene que el enfoque de la religión vivida, bajo un disfraz metodológico, oscurece la teología de la vida cotidiana que la precedió. Para ello, el estudio recupera la comprensión de la teología griega como *poiesis*, el discurso poético e inspirado sobre lo divino, contrastándola con el dogmatismo institucionalizado de la Edad Media. Al establecer paralelismos entre la teopoética de la *saudade* (anhelo/nostalgia) de Alves y las dimensiones de la fe descritas por Nancy Ammerman, y contextualizándolas dentro del pragmatismo y el tránsito religioso del escenario brasileño, se concluye que el rechazo académico del término "teología" invisibiliza la agencia y el misticismo de la vida cotidiana, reiterando la necesidad de una hermenéutica viva comprometida con el significado y la dignidad humana.

Palabras clave: Teología de la vida cotidiana. Religión vivida. Rubem Alves. Ocultamiento de lo sagrado.

Introdução

O estudo da experiência religiosa contemporânea tem sido marcado por uma expressiva virada empírica, responsável por deslocar o eixo analítico das instituições e dogmas oficiais para as práticas cotidianas dos indivíduos. No cenário acadêmico brasileiro, este debate gravita em torno de duas categorias centrais: a teologia do cotidiano, associada ao pensamento pioneiro e subversivo de Rubem Alves, e a religião vivida (*lived religion*), conceito originário da sociologia anglo-saxônica e absorvido pela teologia prática atual. O presente artigo articula criticamente ambas as perspectivas, sustentando como argumento central que a noção de religião vivida, sob um verniz metodológico e sociológico, constitui, em essência, um ocultamento da teologia do cotidiano formulada décadas antes.

Para fundamentar esta tese, revisita-se a gênese da teologia na tradição grega como *poiesis*, a capacidade inspirada de falar poeticamente dos deuses, contrapondo-a à sua posterior redução medieval a um corpo doutrinário gerido por especialistas. O texto examina a simetria entre o resgate alvesiano da *poiesis* através da categoria da saudade e a recente sistematização das sete dimensões da prática religiosa propostas por Nancy Ammerman, cruzando-as com o panorama da religiosidade popular na sociedade brasileira a partir da antropofagia e do trânsito religioso urbano. Conclui-se que o abandono deliberado do termo teologia pela sociologia da religião opera um ocultamento do sagrado que desvisibiliza a agência e a teopoética do rés do chão, reafirmando a urgência de uma hermenêutica viva voltada para a produção de sentido e dignidade humana.

A Teologia como *Poiesis*: resgate histórico e etimológico

A compreensão contemporânea e popular da teologia frequentemente a associa à salvaguarda de dogmas, à formulação de sistemas doutrinários enrijecidos e à manutenção do *status quo* eclesiástico. Contudo, essa acepção reducionista é historicamente datada, representando um desvio substancial do sentido originário do termo. Em sua gênese etimológica, a palavra articula os vocábulos gregos *theos* (Deus) e *logos* (razão, palavra, discurso), designando fundamentalmente um discurso racional sobre a divindade.¹

Na tradição grega antiga, a teologia não se configurava como normatização dogmática da crença, mas como o ofício sublime dos poetas. Tratava-se de um falar inspirado, uma *poiesis*, um ato de criação estética e narrativa, acerca dos deuses. Os primeiros teólogos não eram burocratas do sagrado, mas indivíduos vocacionados a expressar o divino por meio de mitos que rompiam a linearidade enfadonha do cotidiano, descortinando novos horizontes existenciais. Essa dimensão poética e carismática encontra paralelismos profundos nas tradições hebraica e neotestamentária, nas quais a categoria de oráculo (*ta logia tou Theou*), como expresso na Epístola aos Romanos 3.2, remete a uma mensagem revelada a sujeitos particulares em conjunturas históricas específicas, operando como um sopro de vitalidade e renovação.

¹ MARIANO, Alex Villas Boas Oliveira. **Teologia e literatura como teopatodiceia**: em busca de um pensamento poético teológico. Tese. 491 f. (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC RIO, Departamento de Teologia, 2013. p. 44-47. Disponível em: <https://www.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0912239_2013_completo.pdf>. Acesso em: 20 set. 2025.

Foi na Idade Média que a teologia sofreu uma metamorfose radical. Ao estabelecer-se nesse período, ela passou a designar um corpo de doutrinas gerido por especialistas, assumindo uma função reguladora, a de especificar e regular o que era aceito pela autoridade eclesiástica. O posterior surgimento das universidades chancelou essa visão, distanciando a teologia de sua origem puramente inspirada. Agora a teologia era vista como a guardiã da opinião correta, isto é, do dogma.²

Portanto, a teologia em sua origem não se confunde com o conceito de dogma. Em vez disso, ela recebe seus impulsos da tradição grega como uma *poiesis*, isto é, a capacidade criativa e a faculdade de evocar a inspiração para falar de modo poético (ou por meio de narrativas e imagens) sobre o divino e sobre o concreto da existência.³

A teologia e o cristianismo necessitam essencialmente da poesia. Mariano analisa que o “dizer poético” e a literatura constituem o elemento formal pelo qual as fórmulas e teorias teológicas desvelam seu real valor existencial e sua práxis cotidiana. O autor aponta o risco histórico do dogmatismo, no qual a teologia sofreu mutações para legitimar discursos essencialistas e autoritarismos institucionais. Quando isso acontece, ela passa a ditar respostas externas prontas e regras, gerando uma “percepção anestesiada da realidade”⁴ e se distanciando de sua verdadeira essência. A verdadeira teologia, segundo Mariano, brota da existência concreta e da “agapia”, isto é, a vivência do amor gratuito e da doação. Ela encontra sua fonte na realização do amor de Deus que se manifesta na história humana, funcionando como o *logos* (a razão profunda) do próprio Mistério Divino. O autor afirma que:

Deste modo, se o sentido da vida, dentro da patodiceia, consiste em captar a *essência de Ser [sein]* no humano, em sua existência concreta [*Da-sein*], a *existência cristã [Christ-sein]* é um modo de captar a *essência de Cristo* em seu *modo de viver [gestum et verba]*, lido pela teologia cristã, como modo de concretizar na existência o ágape, sendo assim o desvelamento da essência do Mistério do Ser de Deus, que Jesus nomeou de *Abbá, Pai*, no qual a gratuidade do Seu amor é fonte agápica. A agapia da existência é o modo de realização da vontade de Deus em Jesus Cristo, como modo de dar sentido a vida, e por isso mesmo, é a fonte de toda a teologia, como sendo *logos* do Mistério. É de acordo com a compreensão de *logos* que o

² DREHER, Martin N. A teologia e a origem da universidade. **Cadernos Teologia Pública**, Instituto Humanitas Unisinos, Ano 1, N° 3, 2004. p. 10. Disponível em: <<https://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/teopublica/003cadernosteologiapublica.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2025.

³ VILLAS BOAS, Alex. A ideia de poiésis na Teologia Cristã. **Teoliterária**, v. 2, n. 4, 2012. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/teoliteraria/article/view/22912>>. Acesso em: 10 set. 2025.

⁴ MARIANO, 2013, p. 40.

Mistério será nomeado. Assim, se o *logos* grego o chama de *Theós*, o cristão de *Trinitas*, aprofundando seu substrato semântico.⁵

Portanto, a teologia em sua raiz não se confunde com o dogmatismo prescritivo, mas herda da tradição grega o seu impulso vital como *poiesis*, a capacidade de evocar a inspiração para falar poeticamente do divino.⁶ Quando essa sensibilidade poética se encontra com a crueza da realidade social, o *ágape* deixa de ser uma abstração conceitual e assume a forma de *antropofagapia*. Nessa perspectiva, o amor cristão desce às ruas para deglutir criticamente a vulnerabilidade social e o desamparo, convertendo a precariedade de uma realidade anestesiada em uma práxis viva de emancipação.

É neste sentido que, distanciando-se de explicações meramente intelectuais ou justificativas racionais para a dor (as teodiceias tradicionais), a essência teológica se faz presente quando se torna uma resposta sensível ao sofrimento e à tragédia humana. Ela atua como um amparo que ajuda o indivíduo a descobrir um significado para a vida mesmo em meio ao absurdo ou quando o sentido parece se esvaír. A partir de Rahner e da mística inaciana, Mariano propõe uma teologia que move os afetos, uma *poiesis* onde a sensibilidade e a linguagem literária fazem as verdades da fé ganharem vida “na carne”.⁷ Contudo, esse movimento criador não se encerra na esfera da subjetividade, ele encontra sua máxima expressão histórica na *antropofagapia*. Se a *poiesis* ampara o indivíduo diante do absurdo existencial, a *antropofagapia* deglute o absurdo social da exclusão, transformando a carência territorial em um espaço qualificado de dignidade e de direitos.⁸

Enquanto Mariano recorre à *poiesis* para demonstrar que o dogma sozinho é incapaz de comunicar o *ágape*, necessitando da arte e da narrativa literária para mover os afetos, Teixeira estende essa dinâmica ao contexto sociocultural, onde o amor divino exige a capacidade de “deglutir” o que é adverso para gerar o novo. Por sua vez, esse amor divino, expresso sempre a partir do contexto social, exige também a capacidade cultural de “deglutir” o adverso para criar o novo. É assim que Teixeira propõe a *antropofagapia* como uma forma de *poiesis* social: a criação de novas relações de solidariedade a partir da devoração crítica da realidade. Em ambas as leituras, tanto na *teopoética* quanto na *teopolítica*, o *ágape* não opera no vazio: ele se manifesta precisamente onde a dignidade humana está sob ameaça, seja na

⁵ MARIANO, 2013, p. 17.

⁶ TEIXEIRA, 2014, p. 50.

⁷ MARIANO, 2013, p. 428.

⁸ MARIANO, 2013, p. 428.

tragédia existencial ou na vulnerabilidade social, constituindo a chave hermenêutica para uma teologia viva, que rejeita o estatuto de mero “conhecimento chancelado por especialistas” para se afirmar como prática geradora de sentido.

Como consequência direta desse duplo movimento, que humaniza o dogma pela arte e transfigura a precariedade social pelo engajamento, impõe-se a urgência de uma teologia do cotidiano. Longe das abstrações metafísicas, essa perspectiva compreende que o palco onde a tragédia existencial e a vulnerabilidade social se cruzam é a própria rotina comunitária. A teologia do cotidiano é o resultado dessa intersecção em que a sacralidade se manifesta no ordinário; ela se tece no ato de partilhar o pão, de acolher o desamparado e de transformar a carência material em dignidade cívica, provando que o falar de Deus só é legítimo se souber ler os sinais de sua presença na gramática dos dias.

A Teologia do Cotidiano e a Pedagogia Poética em Rubem Alves

É exatamente esse resgate urgente da dimensão poética, corpórea e imaginativa que caracteriza a teologia do cotidiano, formulada de maneira pioneira e magistral no Brasil por Rubem Alves. O teólogo, filósofo e educador mineiro construiu seu pensamento em oposição direta à teologia institucionalizada e à pretensão arrogante da teologia de se constituir como uma ciência exata do divino.⁹

Marcado por desilusões com o fundamentalismo e o autoritarismo, Alves percebeu que o conhecimento do Absoluto está além da compreensão humana. Ele critica a tentação fundamentalista:

O fundamentalismo é, talvez, a grande tentação que nos assalta. [...] Qual é a pessoa que não anseia por trocar seus palpites por visões da realidade, suas dúvidas por certezas, sua provisoriedade por eternidade, suas inquietações e incompletude por paz e realização?¹⁰

Sua teologia fundamenta-se no corpo, imaginação e linguagem. A teologia torna-se um “poema do corpo”, no qual a religião atua como teia de símbolos. Alves define sua visão teológica da seguinte maneira:

⁹ REBLIN, Iuri Andréas. **Outros cheiros, outros sabores..:** o pensamento teológico de Rubem Alves. 2. ed. revista e atualizada, E-book. São Leopoldo: Oikos, Faculdades EST, 2014.

¹⁰ ALVES, Rubem. **O Enigma da Religião.** Petrópolis: Vozes, 1975. p. 117.

A teologia é um poema do corpo,
O corpo orando,
O corpo dizendo as suas esperanças,
Falando sobre o seu medo de morrer,
Sua ânsia de imortalidade,
Lanças fundidas em podadeiras...
Por meio dessa fala
Os corpos se dão as mãos,
Se fundem num abraço de amor,
E se sustentam para resistir e para caminhar.¹¹

Nessa perspectiva, a teologia do cotidiano não busca provar doutrinas nem converter hereges, mas sim “servir aperitivos do reino de Deus”¹² através do ato simples, porém revolucionário, de contar histórias. Ela é um discurso intimamente vinculado à biografia, à história e à busca por referenciais de sentido diante de uma realidade frequentemente opressora. A teologia, para Alves, é o discurso da esperança e da nostalgia por uma nova ordem das coisas, manifestando-se nas miudezas da vida diária, nos sorrisos, nas brincadeiras e na beleza efêmera do mundo. Como ele mesmo afirma, “Teologia: poesia do corpo, sobre esperança e nostalgias, pronunciadas com uma prece... A teologia é um dizer daquilo que o corpo só pode chorar”.¹³

Para Rubem Alves, a teologia do cotidiano não é uma disciplina acadêmica que se estuda de forma distanciada, mas sim uma postura existencial. Ela se caracteriza através dos seguintes aspectos fundamentais: a) a teologia do cotidiano opõe-se radicalmente às teologias transcendentais, metafísicas ou clericais, que buscam Deus nas alturas ou em dogmas abstratos.¹⁴ Ela é uma teologia do corpo, dos sentidos e da terra. Neste aspecto, falar de Deus é falar da própria vida, do concreto e do ordinário. O sagrado não está separado do profano; ele se manifesta na experiência imediata da existência; b) a teologia do cotidiano é caracterizada por “sabores e cheiros”.¹⁵ Ela se faz presente na sacralidade das ações mais simples do dia a dia, tais como: i) o ato de preparar e partilhar uma refeição (a culinária como ato teológico); ii) o plantio e a contemplação de um jardim; iii) o cheiro da terra molhada ou do café fresco; iv) a escuta atenta de uma música ou a leitura de um poema. Essas

¹¹ ALVES, Rubem. **Variações sobre a vida e a morte ou o feitiço erótico-herético da teologia**. São Paulo: Loyola, 2005. p. 11-12.

¹² REBLIN, 2014, p. 155.

¹³ ALVES, 2005, p. 41.

¹⁴ REBLIN, 2014, p. 89-90.

¹⁵ REBLIN, 2014, p. 221.

experiências cotidianas são vistas como pequenos sacramentos humanos, momentos nos quais a vida se desvela em sua plenitude e o indivíduo experimenta a beleza e a gratuidade da existência, que, em última análise, são manifestações do divino; c) ecoando a rejeição ao dogmatismo, a teologia do cotidiano se expressa necessariamente pela linguagem poética, pela metáfora e pela literatura. O discurso teológico formal engessa a realidade, enquanto a poesia preserva o mistério e a vivacidade da rotina. Dizer Deus, no cotidiano, é usar uma linguagem que evoca o desejo, a saudade, a esperança e a alegria de estar vivo; d) o cotidiano é o lugar onde o ser humano lida constantemente com a sua finitude, suas dores, mas também com os seus desejos mais profundos. A teologia do cotidiano funciona como uma ferramenta para manter viva a capacidade de se espantar com o mundo (o maravilhamento), de protestar contra aquilo que nega a vida e de cultivar a esperança de um mundo “mais saboroso”¹⁶ e humano a partir das pequenas brechas do dia a dia. Em suma, a teologia do cotidiano é a arte de ler a presença do divino na gramática das coisas simples. É uma teologia que abandona as certezas absolutas dos especialistas para se tornar uma celebração da vida ordinária, transformando o próprio dia a dia no espaço hermenêutico e espiritual por excelência.

Em estreita simetria com essa virada existencial, a categoria de religião vivida (*lived religion*) emerge como uma abordagem correlata à teologia do cotidiano, compartilhando o mesmo interesse pelas práticas ordinárias e pela sacralidade que se manifesta no chão da vida. Contudo, a noção de religião vivida opera sob um viés metodológico distinto, a saber, ela busca, deliberadamente, evitar o termo “teologia”. Essa recusa teórica ancora-se no desejo de desvincular a experiência de fé dos sistemas formais de pensamento e da tutela de especialistas e instituições religiosas. Assim, enquanto a teologia do cotidiano ainda tenta resgatar o falar de Deus a partir do ordinário, a religião vivida desloca o eixo analítico por completo, focando na agência, nos rituais domésticos, nas contradições e nas acomodações que os sujeitos concretos realizam no dia a dia, independentemente de chancelas ou coerências doutrinárias. No entanto, ela opera próximo ao perigo da dissimulação epistemológica.

A Educação como Espaço de Religiosidade Não Dogmática

A amplitude do pensamento de Rubem Alves encontrou terreno ainda mais fértil em sua filosofia da educação. Alves tornou-se um dos mais respeitados educadores do Brasil não

¹⁶ REBLIN, 2014, p. 176-177.

por abandonar a teologia, mas por transmutá-la em uma pedagogia da libertação sensível. Para ele, a educação é o reflexo direto de uma cotidianidade marcada por formas de religiosidade que não são, e não podem ser, cerceadas por dogmas institucionais.

Na visão alvesiana, a escola tradicional opera de maneira semelhante à igreja dogmática medieval, a saber, ambas buscam controlar o corpo e impor uma verdade única. Em contrapartida, Alves propõe uma educação que é um ato teológico-poético. O educador é um provocador de espantos, que ensina o aluno e a aluna a olharem o mundo com admiração.¹⁷

A religiosidade nessa filosofia não tem relação com ensino confessional. Trata-se de uma religiosidade imanente, reverência diante do mistério da vida. Quando Alves defende a “alegria de pensar”,¹⁸ propõe uma espiritualidade do cotidiano. É uma religiosidade vivida no aprendizado, na curiosidade da criança. A escola ideal de Alves é um espaço onde a *poiesis* grega é reavivada, um lugar de criação e encontro com o sagrado no ordinário, longe das amarras dogmáticas.

Para Alves, Deus não é uma engrenagem lógica ou uma verdade fria a ser provada. Ele afirma que acredita em Deus “do jeito como acredito nas cores do crepúsculo, do jeito como acredito no perfume da murta, do jeito como acredito na beleza da sonata, do jeito como acredito na alegria da criança que brinca”.¹⁹ A teologia do cotidiano é a sensibilidade de perceber que o divino se manifesta nessas experiências sutis que, por nos fazerem chorar de comoção, revelam-se sagradas. Para expressar essa ideia de modo didático, Alves recorre a uma metáfora poética e existencial ao propor que Deus é um enorme Vazio, dizendo que “Se o vaso não fosse vazio, nele não se plantariam as flores. [...] E Deus é esse Vazio sem fim, gamela infinita, que pelo universo vai colhendo e ajuntando toda a Beleza que há, garantindo que nada se perderá [...]”.²⁰ A teologia do cotidiano, portanto, assume que a função desse Deus-Vazio é “tranquilizar a saudade”, assegurando ao ser humano que a beleza vivida nos momentos ordinários e que depois se perdeu no tempo está guardada na eternidade. Essa perspectiva é expressão de sua concepção do que seja a religião, a saber, uma projeção dos desejos humanos de vida, beleza e imortalidade diante da crueza e da finitude do mundo real.

¹⁷ ALVES, Rubem. **Teologia do cotidiano**: meditações. São Paulo, SP: Olho d'Água, 1994. (Cores do dia). p. 33.

¹⁸ ALVES, Rubem. **A alegria de ensinar**. São Paulo: Ars Poetica Editora Ltda, 1994. p. 76.

¹⁹ ALVES, 1994, p. 80.

²⁰ ALVES, 1994, p. 80.

Ela nasce da nossa incapacidade de aceitar o absurdo, a morte e o sofrimento como a última palavra sobre a existência. É o espanto diante da percepção do esquecimento de si.

Na obra “O que é religião”,²¹ Alves opera com a categoria de saudade, compreendida não como um mero sentimento melancólico, mas elevada a uma categoria epistemológica e existencial fundamental. Ela é o motor que gera o próprio fenômeno religioso. Alves argumenta que só sentimos saudade daquilo que um dia conhecemos ou fomos feitos para viver. A presença da saudade no coração humano indica que nós trazemos dentro de nós a memória (ou o arquétipo) de um estado de plenitude, de um “Paraíso” onde a vida era plena, os afetos eram eternos e a dor não existia. A saudade é a dor dessa ausência. A saudade é a recusa humana em permitir que essa beleza seja esquecida.²² Uma vez movido pela saudade, o ser humano aciona a sua imaginação para construir altares, deuses e narrativas de eternidade. A religião é a tentativa de eternizar os momentos de beleza que a vida comum nos dá e depois nos rouba.

A própria ideia de Deus em “O que é religião” surge umbilicalmente ligada a esse sentimento. Deus é a garantia cósmica de que a nossa saudade não será em vão. Ele funciona como o guardião da beleza efêmera do mundo. Se algo foi intensamente belo e gerou amor, a saudade clama que isso não pode desaparecer no nada; a religião postula Deus como Aquele que recolhe e preserva esses fragmentos de eternidade. Na perspectiva de Alves, a religião é o mapa que a saudade desenha. Nós temos saudade de uma pátria que nunca vimos com os olhos físicos, mas que sentimos com o corpo e com o coração. O papel da religião é manter esse horizonte aceso, transformando a nossa saudade ordinária em esperança viva e em cuidado amoroso com o mundo presente, isto é, a “saudade de coisas que não nasceram”.²³

Alves parte da premissa de que o ser humano se sente exilado na natureza. Enquanto os animais estão perfeitamente integrados ao seu ambiente pelo instinto, o ser humano possui consciência de sua finitude e de sua fragilidade. O mundo físico é frequentemente indiferente às nossas dores e anseios. Diante de um mundo que nos esmaga e que nos diz não, a religião surge como um ato de rebeldia e protesto.²⁴ Ela cria um segundo mundo, um universo de símbolos, de mitos e de promessas no qual o amor, a justiça e a permanência finalmente triunfam. É a afirmação da antiga ideia cristã de que a morte não tem a última palavra (1

²¹ ALVES, Rubem. **O que é religião**. São Paulo, SP: Brasiliense, 1981. (Primeiros passos; 31).

²² ALVES, 1981, p. 5-6.

²³ ALVES, 1981, p. 9.

²⁴ ALVES, 1981, p. 9.

Coríntios 15.55). A linguagem da religião não pertence à esfera da ciência ou da descrição factual; ela pertence à esfera da poesia. Os mitos religiosos não são mentiras, mas metáforas profundas que dão sentido à vida. Quando a teologia institucional transforma essas metáforas em dogmas rígidos e liturgias obrigatórias, ela petrifica e mata a experiência religiosa original.

Em Alves, há uma operação criativa entre a teologia do cotidiano e a concepção da religião como saudade. Elas se encontram indissociavelmente entrelaçadas na gramática das coisas simples. Longe das abstrações dogmáticas, a religião é compreendida como o mapa que a saudade desenha, um protesto do desejo humano contra a finitude do mundo e a perda da beleza. É precisamente na miudeza do dia a dia, no perfume do café, no cultivo de um jardim ou no encanto de uma melodia, que esses fragmentos de eternidade se manifestam. A teologia do cotidiano torna-se, assim, a celebração dessas epifanias ordinárias, os pequenos sacramentos da existência que acalentam a nossa falta e postulam Deus não como uma certeza lógica, mas como aquele Vazio infinito cuja única função é acolher e preservar a beleza efêmera, tranquilizando a nossa eterna saudade.

A Religião Viva: origens, apropriação e verniz sociológico

No final do século XX, a sociologia da religião anglo-saxônica viu emergir o conceito de *lived religion* (religião vivida) ou religião do cotidiano (*everyday religion*).²⁵ Cunhado por pesquisadores como Meredith McGuire e Nancy Ammerman, surgiu como resposta à insatisfação com abordagens que limitavam a religião ao que era prescrito pelas instituições oficiais.²⁶ Ammerman afirma que o estudo da religião vivida requer que prestemos atenção não apenas ao que as pessoas dizem que acreditam, mas também às práticas corporais, emocionais e materiais através das quais a religião é efetivamente experimentada no dia a dia.²⁷ A religião vivida é conceituada, deste modo, como uma forma de prática social dotada de uma dimensão espiritual. A autora desloca o eixo analítico da sociologia tradicional, em vez de medir a religiosidade de uma população por dados estatísticos institucionais, como a frequência aos templos, filiação formal a uma igreja ou adesão intelectual a dogmas e textos sagrados, ela enfatiza em como as pessoas comuns experimentam, interpretam e praticam a sua fé no dia a dia. A definição de Ammerman

²⁵ AMMERMAN, Nancy Tatom. **Studying Lived Religion: Contexts and Practices**. NYU Press, 2021. p. 5.

²⁶ AMMERMAN, 2021, p. 6.

²⁷ AMMERMAN, 2021, p. 6.

expande o escopo da religião ao afirmar que ela é dinâmica, criativa e confunde as fronteiras artificiais entre o público e o privado, o sagrado e o profano. A religião não acontece apenas dentro das congregações; ela deixa rastros ocultos ou visíveis à vista de todos nas ruas, nas casas, nos locais de trabalho e nos hospitais.²⁸ Ammerman enfatiza que a religião vivida não é uma experiência puramente individual ou isolada, mas sim uma realidade social.²⁹ Portanto, ela só pode ser compreendida dentro de seus contextos culturais, legais e geográficos específicos.

A religião vivida, segundo Ammerman, manifesta-se como uma prática social dinâmica e multifacetada, articulada por meio de sete dimensões interligadas: **i)** a espiritualidade, que estabelece a conexão fundamental com uma camada de realidade além do ordinário; **ii)** a corporificação e a **iii)** materialidade, que dão forma e ancoragem física à fé através dos hábitos, vestuários, objetos e espaços; **iv)** a emoção e a **v)** estética, responsáveis por mobilizar os afetos e os sentidos por meio da arte, da música e de liturgias sensoriais; e, por fim, **vi)** o julgamento moral e a **vii)** narrativa, que moldam as escolhas éticas do dia a dia e organizam a história do indivíduo, integrando sua biografia à memória coletiva de sua comunidade.

A religião vivida propõe uma estrutura etnográfica para compreender a religião como é praticada pelas pessoas no dia a dia. O foco recai sobre a vitalidade das práticas religiosas cotidianas, questionando a normatividade institucional e enfatizando o *embodiment* (corporalidade) da vida religiosa e as práticas híbridas.³⁰

No Brasil, esse conceito foi apropriado e traduzido especialmente pelo campo da Teologia Prática, com destaque para Júlio César Adam.³¹ A religião vivida passou a ser utilizada como uma chave hermenêutica poderosa para analisar como o sagrado se manifesta em práticas culturais aparentemente seculares. Pesquisas recentes têm utilizado esse referencial para estudar a religiosidade implícita no cinema, nas histórias em quadrinhos de super-heróis, na música pop e até mesmo em práticas corporais como a musculação e o *fitness*.

²⁸ AMMERMAN, 2021, p. 15.

²⁹ AMMERMAN, 2021, p. 12.

³⁰ AMMERMAN, 2021, p. 9.

³¹ ADAM, Júlio César. **Religião vivida na terra do sol**. São Leopoldo, RS: Faculdades EST, 2023. 1 recurso online (236 p.) ISBN 978-65-88074-50-3. Disponível em: <https://est.edu.br/wp-content/uploads/2024/01/RELIGIAO_VIVIDA_NA_TERRA_DO_SOL.pdf>. Acesso em: 20 out. 2025.

Apoiando-se em teóricos europeus como Failing, Heimbrock, Gräb, Ganzevoort e Roeland, Adam enfatiza que a religião vivida não busca decifrar o fenômeno religioso a partir de concepções teóricas abstratas. Em vez disso, ela se baseia “naquilo que a cultura e que as pessoas fazem e dizem ser religião e o religioso”,³² focando diretamente na ação e na fala do povo, pois uma das dimensões cruciais da religião vivida é a sua natureza corporificada, sensorial e estética. Adam sublinha que Alves antecipou essa leitura ao rejeitar a lógica fria e puramente intelectual dos dogmas. A teologia do cotidiano alvesiana é movida pelos afetos, pelos sentidos, pelos sabores e pelos cheiros e pela linguagem poética. Adam valida a perspectiva de Alves mostrando que a fé comum se expressa por meio de metáforas e narrativas que ajudam o sujeito a lidar com o sofrimento e com a finitude, organizando sua existência sem a necessidade de uma coerência doutrinária rígida.³³

No entanto, uma diferenciação é preciso ser introduzida. A religião vivida é um conceito sociológico que frutifica em grande medida, no âmbito das ciências da religião; enquanto a teologia do cotidiano é mais recorrente no campo próprio da teologia, vicejando muito na recorrência do diálogo com a literatura.³⁴ As abordagens partem de lugares teóricos diferentes e possuem intencionalidades distintas.

Similaridades e Diferenças: o mascaramento do teológico

Ao contrapor a teologia do cotidiano e a religião vivida, emergem similaridades inegáveis. Ambas rejeitam a exclusividade institucional sobre o sagrado; focam na experiência diária e nas práticas comuns; enfatizam a corporalidade e a materialidade da experiência religiosa e reconhecem que a religião opera através de símbolos, narrativas e imaginários culturais.

As diferenças, contudo, residem em suas origens epistemológicas e objetivos metodológicos. A teologia do cotidiano nasce de uma reflexão poética e autobiográfica. Ela não esconde sua intenção de ser teologia; ao contrário, Alves reivindica o termo para devolvê-lo à sua origem como *poiesis*. Por outro lado, a religião vivida adota uma roupagem sociológica e etnográfica. Ela se apresenta como uma categoria analítica neutra, voltada para a

³² ADAM, 2023, p. 23.

³³ ADAM, 2023, p. 31-33.

³⁴ SILVA, Anaxsuell Fernando da. As cores do crepúsculo: fabulação, teologia e literatura em Rubem Alves. **Estudos de Religião**, v. 31, n. 2, p. 261-284, maio-ago. 2017. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/6342668.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2025.

observação de fenômenos sociais. No entanto, quando aplicada no contexto da teologia prática brasileira, essa suposta neutralidade revela suas fraturas.

Neste sentido, a tese que se impõe é que a religião vivida é uma tentativa de esconder sua natureza teórica, qual seja a teologia do cotidiano. Diversos elementos demonstram esse mascaramento, a exemplo da 1. Apropriação Hermenêutica: quando teólogos práticos utilizam a religião vivida para analisar filmes ou quadrinhos, não estão apenas descrevendo fenômenos sociais. Eles buscam ativamente *locus revelacionis*, lugares de revelação e de produção de sentido último. Esse é um trabalho eminentemente teológico; 2. A Fuga do Estigma: em um ambiente acadêmico hostil à teologia, o uso do termo “religião vivida” oferece um salvo-conduto metodológico. O termo soa científico e neutro, permitindo que teólogos realizem o trabalho da “teologia do cotidiano” sem sofrer o preconceito associado à palavra teologia; 3. O Retorno Inconsciente à Poiesis: *ironicamente, ao analisar as narrativas da cultura pop, a busca por redenção nas histórias de super-heróis, os mitos escatológicos no cinema ou a espiritualidade no cuidado com o corpo, os pesquisadores da religião vivida estão fazendo exatamente o que os antigos gregos chamavam de teologia*. Eles estão analisando o falar inspirado, a *poiesis* que busca dar sentido ao mundo e lidar com a angústia da existência. Eles estão operando no exato terreno arado pela teologia do cotidiano de Rubem Alves, mas utilizando um *vocabulário sociológico importado para legitimar sua atuação*.

A análise da religião vivida e da teologia do cotidiano no universo dos quadrinhos revela, no fundo, a mesma busca por transcendência e sentido que as narrativas teopoéticas sempre procuraram articular. Esse olhar atento às práticas ordinárias ecoa o pioneirismo de autores latino-americanos que, desde o final da década de 1970, a exemplo de Douglas Teixeira Monteiro, Luiz Eduardo Soares e Lísias Nogueira Negrão, já investigavam a religiosidade popular sob a chave do cotidiano. Essa vertente dedicada à religiosidade popular buscava descrever como os fiéis brasileiros, ao cruzarem suas aflições e urgências na grande cidade, encontram na multiplicação de alternativas a possibilidade de transitar por diferentes denominações ou de manter-se fiéis a várias simultaneamente.³⁵ Ao agirem como sujeitos ativos diante dessas agências, utilizando-as conforme as necessidades de cada momento, os fiéis evidenciam que a flexibilidade e o trânsito religioso são marcas típicas da sociedade brasileira. Essa flexibilidade cotidiana tornou-se marca da religião vivida no Brasil, onde os

³⁵ CARVALHO, José Murilo de. *et al. Religião e sociedade*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. (Religião e sociedade; n. 4). Disponível em: <<https://religioesociedade.org.br/wp-content/uploads/2021/09/Religiao-e-Sociedade-N04-1979.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2025.

limites doutrinários formais são borrados pela urgência da sobrevivência, uma busca por significado tecida a partir do concreto e do absurdo de um “mundo sem coração”.³⁶

Considerações finais

A jornada reflexiva percorrida ao longo deste artigo desvela que o debate contemporâneo sobre a contratendência institucional da fé não inaugura, propriamente, um objeto inédito, mas reescreve uma intuição teopoética ancestral. Ao amarrar as linhas que conectam a *poiesis* grega originária, enquanto dizer inspirado e livre sobre o *Mistério*, ao seu posterior sequestro dogmático pelo intelectualismo medieval, foi possível compreender a urgência das viradas empíricas operadas no final do século XX. Na esteira dessa necessidade de restituição do sagrado ao seu legítimo lugar de direito, a análise demonstrou que as sofisticadas sete dimensões da prática religiosa propostas por Nancy Ammerman e a maleabilidade tática do trânsito religioso na sociedade brasileira não orbitam no vazio, mas elas encontram o seu solo de sustentação e sua chave de legibilidade na imanência radical do chão da vida cotidiana.

É nesse horizonte de convergência que se consolida a ideia fundamental defendida no corpo deste texto, a saber, a categoria sociológica de religião vivida (*lived religion*), mau grado o seu inegável valor metodológico e descritivo, opera um sutil e sintomático ocultamento da teologia do cotidiano que Rubem Alves já sedimentara décadas antes sob o signo da saudade. O abandono deliberado ou o receio acadêmico em pronunciar o termo “teologia” quando se investiga a espiritualidade das pessoas comuns não representa um mero capricho de neutralidade científica, mas constitui, em última análise, *um desinvestimento ontológico que engessa a agência dos sujeitos e desvisibiliza a mística encarnada “na carne” e na história da vulnerabilidade social.*

Portanto, a teologia do cotidiano se concentra fortemente na sensibilidade, nos afetos, na linguagem poética e na busca existencial por significado. É uma leitura profundamente voltada para o maravilhamento, o desejo e o amparo diante do sofrimento (como na *teopatodiceia* de Mariano ou nos *sabores e cheiros* de Alves). A religião vivida é estruturada de forma mais ampla e multidimensional para a pesquisa de campo. Como aponta Ammerman, ela se desdobra em dimensões muito concretas de poder e cultura, avaliando

³⁶ ALVES, 1981, p. 37.

desde a materialidade (objetos, altares) e corporificação (roupas, tranças, tatuagens, restrições alimentares) até os julgamentos morais e as relações políticas de resistência e sobrevivência das classes subalternas no território, como discute Adam. Em suma, se a teologia do cotidiano é o esforço poético de ler a presença de Deus na gramática das coisas simples, a religião vivida é o mapa sociológico de como os seres humanos manuseiam os símbolos sagrados para sobreviver, sentir e dar ordem ao seu próprio mundo, e, nessa direção, tal abordagem não dista significativamente daquilo que, em alguma medida, já era realizado no campo das ciências sociais: vinho velho em odres novos, ao gosto do freguês.

Reconhecer essa dinâmica não invalida de forma alguma as ricas pesquisas atuais no campo da teologia prática. Pelo contrário, convida a uma honestidade epistemológica libertadora: assumir que a busca pelo sentido, pela esperança e pelo sagrado nas práticas cotidianas, na cultura pop, no cinema e na sala de aula é, e sempre foi, um fazer teológico em sua mais pura, bela e poética acepção: *teologia do cotidiano*. O sagrado não precisa ser ocultado sob jargões sociológicos; ele pode ser celebrado como a poesia que dá sentido ao existir humano. Como nos lembra poeticamente Rubem Alves: “Teologia são os poemas que tecemos como redes sobre a saudade de algo cujo nome esquecemos. Qual deles é verdadeiro? Poemas não podem ser verdadeiros. Mas devem ser belos”.³⁷

Referências

ADAM, Júlio César. **Religião vivida na terra do sol**. São Leopoldo, RS: Faculdades EST, 2023. 1 recurso online (236 p.) ISBN 978-65-88074-50-3. Disponível em: <https://est.edu.br/wp-content/uploads/2024/01/RELIGIAO_VIVIDA_NA_TERRA_DO_SOL.pdf>. Acesso em: 20 out. 2025.

ALVES, Rubem. **A alegria de ensinar**. São Paulo: Ars Poetica Editora Ltda, 1994.

_____. **O Enigma da Religião**. Petrópolis: Vozes, 1975.

_____. Sobre deuses e caquis. **Comunicações do ISER**, Teologia, política e poesia em Rubem Alves, Ano 7, n. 32, 1988.

³⁷ ALVES, Rubem. Sobre deuses e caquis. **Comunicações do ISER**, Teologia, política e poesia em Rubem Alves, Ano 7, n. 32, 1988. p. 11.

_____. **Teologia do cotidiano:** meditações. São Paulo, SP: Olho d'Água, 1994. (Cores do dia).

_____. **Variações sobre a vida e a morte ou o feitiço erótico-herético da teologia.** São Paulo: Loyola, 2005.

_____. **O que é religião.** São Paulo, SP: Brasiliense, 1981. (Primeiros passos; 31).

AMMERMAN, Nancy Tatom. **Studying Lived Religion: Contexts and Practices.** NYU Press, 2021.

CARVALHO, José Murilo de. *et al.* **Religião e sociedade,** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. (Religião e sociedade; n. 4). Disponível em: <<https://religioesociedade.org.br/wp-content/uploads/2021/09/Religiao-e-Sociedade-N04-1979.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2025.

DREHER, Martin N. A teologia e a origem da universidade. **Cadernos Teologia Pública,** Instituto Humanitas Unisinos, Ano 1, Nº 3, 2004. Disponível em: <<https://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/teopublica/003cadernosteologiapublica.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2025.

MARIANO, Alex Villas Boas Oliveira. **Teologia e literatura como teopatodiceia:** em busca de um pensamento poético teológico. Tese. 491 f. (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC RIO, Departamento de Teologia, 2013. Disponível em: <https://www.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0912239_2013_completo.pdf>. Acesso em: 20 set. 2025.

REBLIN, Iuri Andréas. **Outros cheiros, outros sabores..:** o pensamento teológico de Rubem Alves. 2. ed. revista e atualizada, E-book. São Leopoldo: Oikos, Faculdades EST, 2014.

SILVA, Anaxsuell Fernando da. As cores do crepúsculo: fabulação, teologia e literatura em Rubem Alves. **Estudos de Religião,** v. 31, n. 2, p. 261-284, maio-ago. 2017. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/6342668.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2025.

VILLAS BOAS, Alex. A ideia de poiésis na Teologia Cristã. **Teoliterária,** v. 2, n. 4, 2012. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/teoliteraria/article/view/22912>>. Acesso em: 10 set. 2025.